



## OS DIÁRIOS INICIAIS DE VIRGINIA WOOLF SIGNIFICAÇÕES DO FEMININO

**Larissa do Vale Costa**

(Universidade do Estado da Bahia-UNEB)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p><b>Larissa do Vale Costa;</b> Bacharela em Psicologia, formada pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), pós-graduada em Psicologia Clínica na Faculdade Ruy Barbosa e mestranda em Estudo de Linguagens na linha de pesquisa leitura, literatura e cultura do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: <a href="mailto:larissavalec@gmail.com">larissavalec@gmail.com</a>.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo propõe uma discussão acerca dos diários iniciais de Virginia Woolf e as significações do feminino, à luz da teoria psicanalítica e dos estudos literários. O compilado de textos, escritos durante sua juventude, foi editado e publicado pelo escritor inglês Mitchel A. Leaska, no ano de 1990, obra intitulada <i>A Passionate Apprentice: The Early Journals (1897-1909)</i>. A escrita dos diários, nos quais "cabiam tudo", das insignificâncias às questões significativas da vida cotidiana, representa um espaço não apenas para a construção da romancista, mas também aponta para uma posição subjetiva. A partir das contribuições da psicanálise, torna-se possível concluir que o feminino se constitui como um lugar, no qual traz como marca a falta, intrínseca a qualquer sujeito falante. Dito isto, Virginia Woolf ocupou-se da posição feminina, de um modo estritamente singular, na tentativa de dar bordas àquilo que escapa ao registro simbólico. Numa espécie de movimento metonímico, a aprendiz das letras utilizou a palavra-escrita como um ponto de ancoragem à existência.</p>	<p>This article proposes a discussion about Virginia Woolf's initial diaries and the meanings of the feminine, there contained, in the light of psychoanalytic theory and literary studies. The compilation of texts, written during her youth, was edited and published by the English writer Mitchel A. Leaska, in 1990, a work entitled <i>A Passionate Apprentice: The Early Journals (1897-1909)</i>. The writing of diaries, in which "everything fits", from insignificances to significant issues of everyday life, represents a space for the novelist's construction, but also from where she derives a subjective position. Based on the contributions of psychoanalysis, it becomes possible to conclude that the feminine is constituted as a, place that brings as a mark, intrinsic to any speaking subject. Having Said that, Virginia Woolf addressed the feminine position, in a strictly singular way, attempting to give borders to what escapes the realm of the symbolic. In a kind of metonymic movement, the learner of letters used the written word as an anchor point for existence.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Diários íntimos; Feminino; Psicanálise; Literatura.	Intimatediary; Feminine; Psychoanalysis; Literature.

## INTRODUÇÃO

O extraordinário também faz parte do ordinário  
(Blanchot, p. 271, 2005).

O aparecimento da escrita diários íntimos associa-se diretamente com as mudanças sócio-históricas vividas no mundo ocidental. Em *História social da criança e da família*, Philippe Ariès aponta que a representação da família como conhecemos hoje começou a ser instituída no século XVIII, período marcado pelo pensamento iluminista e pela ascensão da burguesia, em suas palavras: “a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular” (1981, p. 265). Ainda segundo o historiador francês, as casas modernas passaram a segregar os cômodos, já não havia mais camas espalhadas por toda casa, elas foram reservadas aos quartos de dormir. Com a reorganização da casa, bem como a transformação na concepção de família, reduzida a pais e filhos, a delimitação entre a esfera pública e privada tornou-se cada vez mais evidente e com isso o anseio pela intimidade.

Na medida em que a sociedade moderna privilegiava a vida íntima, as produções literárias acompanharam essas transformações. Isto é, a escrita de diários nasce como um sintoma característico de um dado período histórico. Em seu livro *Le journal intime* (1986), Alain Girard indica que o surgimento do diário, entendido como um gênero literário, se deu por volta do ano de 1800, período anterior à eclosão da chamada escola romântica, sendo resultado do encontro de dois pensamentos dominantes na época. O primeiro refere-se à exaltação do sentimento e a moda das confissões, por influência de Rousseau. O segundo trata do anseio dos filósofos da época em fundar uma ciência do homem a partir do elemento da observação, colocando a sensação na origem da compreensão (Girard, 1986, p. IX). Girard ressalta também que os primeiros redatores de diários, no século XVIII, foram se não filósofos, ao menos homens alimentados pelo pensamento filosófico. Sendo os principais: Maine Biran, Benjamin Constant, Joubert, Stendhal e, mais adiante, Amiel.

A princípio foram os homens que dominaram o uso da escrita íntima com finalidade de produzir conhecimento científico, a partir do exame de consciência. Influenciados pelo aforismo socrático “conhece a ti mesmo”, buscavam pela “verdade do ser”. No entanto, na virada do século, as mulheres se apropriaram dessa prática como mecanismo de “silenciar as paixões da alma”, em uma sociedade que distinguia nitidamente as barreiras do público e o privado, cabia-lhe apenas o lugar doméstico. “Historicamente, as mulheres foram privadas de tornarem públicas suas produções textuais, limitando-se a produzir textos que refletiam seu universo de atuação, a esfera privada, daí a escrita incessante de cartas e diários íntimos” (Silva, 2006, p. 96). Nesse

contexto, é relevante destacar como as questões de gênero de uma época contribuíram para o surgimento e apagamento de determinadas produções intelectuais.

Com efeito, a escrita de diários íntimos demonstra o enodamento existente entre a literatura, a subjetividade e a cultura. Por sua vez, esses registros inscrevem-se no registro simbólico, marcado pelo caráter memorialístico, pelo uso da primeira pessoa (ou não), onde não há preocupação com a norma culta da linguagem, cabe apenas ao escritor encontrar seus próprios meios para nomear sua experiência no mundo. Em uma infinidade de traços, de marcas, de rastros, de restos, estritamente singulares.

Partindo deste contexto, o presente artigo propõe examinar os diários iniciais de Virginia Woolf e as implicações do feminino em sua escrita, a partir de uma abordagem interpretativa, à luz de conceitos psicanalíticos e literários. O compilado de textos íntimos, escritos durante a juventude da autora, foi editado e publicado pelo escritor inglês Mitchel A. Leaska, no ano de 1990, obra intitulada *A Passionate Apprentice: The Early Journals (1897-1909)*<sup>1</sup>.

Adeline Virginia Stephen, se tornará Woolf após o casamento, começou a escrever diários aos quase quinze anos, período em que se recuperava da primeira crise maníaco-depressiva. Seus primeiros registros íntimos, são pouco conhecidos pelo público e, por conseguinte, pouco explorados pela crítica. Sua divulgação foi tardia, quando comparados com a coleção dos diários de maturidade, editado e publicado parcialmente pela primeira vez em 1953, por Leonard Woolf, *A Writer's Diary: Being Extracts from Virginia Woolf's Diary*<sup>2</sup> (Mesquita, 2018).

É necessário sublinhar aqui a prioridade dada à publicação dos diários da maturidade em detrimento dos escritos da juventude. Possivelmente, tal fato se deveu ao interesse na compreensão do método de escrita da já romancista Virginia Woolf. Segundo Ana Carolina Mesquita, estudiosa e tradutora de suas obras, o diário é visto “quase somente enquanto material de suporte para iluminar pontos diversos da criação woolfiana, e não também como uma obra em si” (2019, p. 24).

Em outras palavras, o interesse por decifrar as composições técnicas da escritora estivera, em última instância, acima de qualquer outra questão, como a constituição da mulher para além do seu ofício. Contrapondo a esse pensamento, este trabalho se propõe a debruçar a respeito das significações do feminino na escrita íntima woolfiana, em uma

---

<sup>1</sup> Os manuscritos originais configuram um conjunto de sete cadernos escritos de maneira regular entre os anos de 1897 a 1909. Os seis primeiros estão localizados no Henry W. e Albert A. Berg Coleção de Literatura Inglesa e Americana na Biblioteca Pública de New York, Astor Lenox e Tilden Foundations e o sétimo encontra-se na Biblioteca Britânica.

<sup>2</sup> Leonard Woolf realizou diversos cortes na edição inicial “tudo o que não se referia à escrita da autora foi excluído, com a justificativa de que a sua publicação poderia ser constrangedora para as pessoas nele retratadas, algumas ainda então vivas” (Mesquita, 2018, p. 24). No entanto, entre os anos de 1977 a 1984, após o falecimento de Leonard, Anne Oliver Bell reeditou e publicou na íntegra esses escritos.

perspectiva interdisciplinar, a partir das contribuições teóricas da psicanálise em Sigmund Freud, Jacques Lacan e na literatura com Maurice Blanchot.

## OS DIÁRIOS INICIAIS DE VIRGINIA WOOLF: SIGNIFICAÇÕES DO FEMININO

[...] o Anjo morreu, e o que ficou?  
Vocês podem dizer que o que ficou foi algo simples e comum  
– uma jovem no quarto com um tinteiro.  
Em outras palavras, agora que tinha se livrado da falsidade,  
a moça só tinha de ser ela mesma?  
Quer dizer, o que é uma mulher?  
(Woolf, 2023, p. 14)

Antes de desenvolver o tema proposto, é preciso ter sobre pano de fundo o entendimento de que, para o campo da psicanálise, mulher e feminilidade ou feminino não são sinônimos. Por vezes, podem até se corresponderem ou se confundirem, no entanto não é a via de regra. O que se coloca no centro da questão aqui são as posições ocupadas pelo sujeito frente à linguagem.

A psicanálise nasce do enigma acerca da feminilidade, isto é, das inquietações provocadas pelas mulheres denominadas à época de histéricas. Derivado da palavra grega *hystéra*, cuja tradução designa útero, o termo “histéricas” era atribuído, pelas ciências médicas do século XIX, às mulheres que sofriam de doenças nervosas, afasias, paralisias, sem causas orgânicas conhecidas. Em *Estudos sobre histeria (1893-1895)*, Sigmund Freud juntamente com Josef Breuer conjecturava acerca do mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos.

Do que padeciam essas mulheres? Mais precisamente, o que quer uma mulher? É a pergunta que colocou Freud para trabalhar, ao longo de todo seu percurso teórico e clínico, a fim de desvendar os sintomas histéricos. Em síntese, o método psicanalítico configurou-se a partir da demanda de uma paciente, a qual, durante seu tratamento com Freud, solicita-lhe para falar livremente sobre seu sintoma. Como consequência desse ato, Freud abandona a hipnose e o método catártico, inaugurando, assim, a regra fundamental da psicanálise: a associação livre. Logo, é diante “da mulher” que a psicanálise surge como teoria e dispositivo de cura pela via da palavra (*talking cure*).

Com efeito, Freud nos diz: “É próprio da peculiaridade da psicanálise, então, que ela não se ponha a descrever o que é a mulher – uma tarefa quase impossível para ela –, mas investigue como a mulher vem a ser, como se desenvolve a partir da criança inatamente bissexual” (2010, p. 269). Importante notar que, nessa passagem, o psicanalista sustenta a direção do tornar-se mulher, para além da lógica fálico-castrado, bem como postula o caráter da bissexualidade presente desde a infância.

No texto *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933), Freud retoma o percurso edípico, na busca de elucidar a questão do feminino, analisando, novamente, a diferença entre o modo pelo qual as meninas e os meninos passam pela fase do Édipo. O psicanalista postula que, na experiência vivida pela criança, ser homem ou mulher não é uma condição dada a priori, pura e simplesmente, pelas ciências biológicas. Para Freud, ceder à anatomia das convenções não produz conteúdo novo aos conceitos “masculino” e “feminino”, como não responde aos embrolhos do que é ser homem ou ser mulher (Freud, 2010).

Portanto, para a psicanálise, o que se encena não é a questão de ter ou não ter o falo, mas sim a significação em torno da sua falta. Em outras palavras, trata-se, então, do modo pelo qual cada sujeito vem a lidar com o complexo de castração, podendo assumir, diante disso, uma posição ativa ou passiva diante do seu objeto de amor.

Acreditar-se portador de um falo, por exemplo, e desejar com isso satisfazer e completar aquela cujo corpo parece garantir que a castração está só do lado das mulheres, é uma composição típica da “masculinidade”. Já a feminilidade costuma organizar-se em torno do imaginário da falta; na feminilidade, a mulher não tem o falo; ela se oferece para ser tomada como falo a partir de um lugar de falta absoluta do qual só o desejo de um homem pode resgatá-la (Kehl, 2016, p. 12-13).

A psicanalista Maria Rita Kehl pontua ainda que, embora as relações homem-mulher sejam dialeticamente necessárias, é preciso salientar que essas posições não são, simplesmente, pares opostos complementares. E, justo por isso, advém o sentido da proposição lacaniana “a relação sexual não existe”, pois não é possível alcançar essa totalidade complementar. Para a psicanálise, o sujeito só existe no sentido ético, do falta-a-ser, marca estruturante do desejo.

Ademais, apesar da teoria freudiana, no conjunto de suas investigações, ter buscado escapar dos paradigmas cientificistas, em alguma medida, não resistiu à tentativa de encontrar a natureza da sexualidade masculina e feminina, com o intuito de estabelecer a essência primordial do ser homem ou ser mulher (Kehl, 2016).

Não é árduo convir que, desde os primeiros estudos freudianos até os produzidos nos dias atuais, as discussões sobre o feminino ainda estão longe de se esgotar, quer seja pelo viés da psicanálise, das ciências sociais ou da literatura. São suscitadas, assim, novas pesquisas e interpretações, em diferentes abordagens. Freud já sinalizava para a necessidade de constantes investigações:

Isso é tudo o que tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente é incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável. Mas não se esqueçam que retratamos a mulher apenas na medida em que o seu ser é determinado por sua função sexual. Tal influência vai muito longe, é verdade, mas não perdemos de

vista que uma mulher também há de ser um indivíduo humano em outros aspectos. Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e coerentes (Freud, 2010, p. 293).

A fim de alargar a discussão, Jacques Lacan retoma as investigações freudianas e avança mais um pouco sobre às questões referentes ao feminino. No seminário XX, *Mais, ainda*, no qual se debruça na conceitualização a respeito da noção do gozo, Lacan define a feminilidade, ou melhor, A (maiúsculo) mulher, como a representação dos sujeitos pertencentes à lógica não-toda fálica. Em suas palavras,

[...] quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que define a ... a o quê? – a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher pois – já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? – por sua essência ela é não toda (Lacan, 1985, p. 78-79).

Duas questões são importantes de sublinhar acerca dessa citação. A primeira diz respeito ao enunciado “um ser falante”. Isso implica dizer que Lacan destaca o laço que cada sujeito vem a fazer com a linguagem, ou seja, a posição que o sujeito ocupa frente à linguagem, não se trata do sexo biológico homem/mulher. A segunda faz referência ao aforismo lacaniano: “A mulher não existe”. Não existe na medida em que nos esbarramos com a impossibilidade de encontrar um significante que possa representá-la. Por sua vez, o homem apresenta o falo como significante da falta.

Lacan completa:

Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras, e temos mesmo que dizer que se há algo de que elas mesmas se lamentam bastante por hora, é mesmo disto – simplesmente, elas não sabem o que dizem, é toda a diferença que há entre elas e eu.

Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente, pelo fato de ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. Vocês notaram que eu disse suplementar. Se tivesse dito complementar, onde é que estaríamos! Recairíamos no todo (1985, p. 79).

Dessa forma, na perspectiva lacaniana, a noção d’ *A mulher* se aproxima do conceito do *real*. Ambos se afinam na ideia do irrepresentável, daquilo que não cessa de não se inscrever, do que faz buraco, mas que também põe o sujeito em movimento pela via do desejo.

Quando Lacan nomeia “lado da mulher” e “lado do homem” nas fórmulas da sexualização, ou “gozo feminino”, cuja acepção mais aceitável para os estudos feministas é a de “outro gozo”, não está se referindo à anatomia ou ao gênero, mas

ao corpo falante, ao sujeito e suas marcas de gozo, à realidade sexual do inconsciente e à dimensão sintomática que lhe corresponde (Macêdo, 2021, p. 294)

Em síntese, tomando de empréstimo a teoria lacaniana, pode-se concluir que a escrita de diários íntimos, nessa perspectiva, só pode existir na posição feminina, a partir da lógica do gozo suplementar ou gozo feminino. Ou seja, é na medida em que o sujeito ocupa o lugar *não-todo*, marca de sua incompletude, que abre espaço à criação como possibilidade de dar contornos, de fazer suplência ao impossível (ausência) da relação sexual. Assim fez Virgínia Woolf, recorrendo à escrita de diários íntimos como operador, um "*savoir-faire*"<sup>3</sup> (saber-fazer) com o seu sintoma, com a sua loucura, com a sua falta.

Virginia Woolf era assídua na escrita de seus diários íntimos. Começou seus escritos ainda na adolescência, aos quase 15 anos, período em que se recuperava da sua primeira crise nervosa, a qual lhe acometera aos treze anos, após a perda materna. No mesmo ano em que começava a registrar suas vivências, em 1897, passou pela segunda grande perda, a da sua meia-irmã mais velha, Stella Duckworth, que havia assumido um lugar de cuidado e autoridade na sua vida.

Uma das maiores escritoras do século XX, autora de *Mrs. Dalloway*, *Orlando*, *O farol*, entre outras obras de referência na literatura contemporânea, aqui, ainda era a Srta. Stephen. Terceira filha do casal Julia e Leslie que além dela tiveram Vanessa, Thoby e Adrian. Seus pais haviam ficado viúvos do primeiro casamento, Julia tinha sido casada com Hebert Duckworth e com ele teve três filhos: George, Stella e Gerald. Leslie havia casado com Harriet Marian, com quem teve uma filha, a Laura.

Para a Srta. Stephen, a escrita diarística simbolizou o enlace entre a literatura e a vida. Seus escritos da juventude eram livres na sua forma e refletiam o caráter confessional e experimental da língua. Em um registro memorialístico, a escritora encontrou suas próprias palavras para narrar sua existência, das frivolidades às questões significativas da vida ordinária:

Sábado, 1 janeiro de 1898.

Eu escrevo esta manhã o que estaria mais adequado ter escrito ontem à noite. Mas meu diário já desprezou as regras estabelecidas! Aí vem então o "Fim". Que volume pode não ser escrito em torno dessa palavra – e é até difícil resistir às poucas frases que naturalmente se aferram a ela. Aqui está o volume de vida bastante aguda (o primeiro ano realmente vivido da minha vida) que terminou trancado e guardado. E outro e outro e outro ainda por vir. Oh querida, eles são muito longos, e eu pareço covarde quando olho para eles. Ainda assim, coragem e vamos em frente – eles devem trazer algo que valha a pena – e [inelegível] trarão. Vanessa prega que nossos destinos estão em nós mesmos, e o sermão deve ser levado a sério por nós. Aqui está a vida dada a cada um de nós, e devemos fazer o nosso melhor com ela: sua mão no punho da espada – e um voto fervoroso não

---

<sup>3</sup> *Savoir-faire* é um termo utilizado por Jacques Lacan que designa que cada sujeito vem a fazer com o seu sintoma, com o seu sofrimento psíquico.

pronunciado!

O fim de 1897<sup>4</sup> (Woolf, 1992, p. 134, tradução nossa).

Em *O livro por vir*, Maurice Blanchot aponta algumas características do diário íntimo. A primeira é a submissão ao calendário. A segunda refere-se ao seu pacto de sinceridade. A terceira compreende o caráter de superficialidade dessa escrita, uma vez que necessita ser superficial para não faltar com a verdade. Para Blanchot, o interesse primordial pela escrita íntima é a sua insignificância: “essa é sua inclinação, sua lei. Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar do silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa” (2005, p. 273).

E, nessa cadeia engendradora de superficialidade, insignificância e ruptura do silêncio que Virginia inaugura o diário íntimo de 1897, o maior em número de páginas e também o que mais se aproxima do modelo canônico do gênero literário:

Domingo, 3 de janeiro de 1897

Todos nós registramos uma lembrança do ano novo – Nessa, Adrian e eu. Fomos de bicicleta com Georgie até a casa do Sr. Studds, mas não o encontramos lá, então seguimos para o Battersea Park -

Havia uma grande multidão de ciclistas e espectadores – Miss Jan [Virginia]<sup>5</sup> montava sua nova bicicleta cujo banco infelizmente era bastante desconfortável – Thoby estava na bicicleta de Gerald, e Adrian na de Jack, que havia o presenteado no natal. Pela tarde não fizemos nada – Depois do chá da tarde Thoby leu a “Sociedade Entomológica”, um artigo sobre a história do clube. Também leu um retrospecto de 1896 – Concordamos também em enviar para S[tella]. D[uckworth]. J[ohn]. W[aller]. H[ills]. uma carta de felicitações – e também que a palestra do presidente não deve fazer parte do diário<sup>6</sup> (Woolf, 1992, p. 5-6, tradução nossa).

<sup>4</sup> Versão original: “I write this morning what would more fitly have been written last night. But my diary has ever been scornful of stated rules! Here then comes the “Finis” What a volume might not be written round that word - & it is even hard to resist the few sentences that naturally cling to it. But I will be Stern. Here is a volume of fairly acute life (the first really lived year of my life) ended locked & put away. And another & another & another yet to come. Oh dear they are very long, & I seem cowardly throughout when I look at them. Still, courage & plod on – They must bring something worth the having - & [illegible] they shall. Nessa preaches that our destinies lie in ourselves, & the sermon ought to be taken home by us. Here is life given us each alike, & we must do our best with it: your hand in the sword hilt - & an unuttered fervent vow! The end of 1897” (Woolf, 1992, p. 134).

<sup>5</sup> Os trechos entre colchetes foram acrescentados pelo editor, no intuito de facilitar a compreensão do texto, tenho em vista que Virginia em alguns momentos da escrita fazia uso de abreviaturas.

<sup>6</sup> Versão original: “We have all started to keep a record of the new year – Nessa, Adrian and I. Bicycled with Georgie to Mr Studds but found he was away, and so went on to Battersea Park. There was a great crowd of bikers and lookers on – Miss Jan [Virginia] rode her new bicycle, whose seat unfortunately, is rather uncomfortable – Thoby was on Gerald’s, and Adrian on Jack’s, which was given him [A] on christmas. In the afternoon we did nothing – After tea Thoby read the Ent [omological]. Soc, a paper upon the history of club. Also a retrospect of 1896 – It was agreed to send S[tella]. D[uckworth]. And J[ohn]. W[aller]. H[ills]. a letter of congratulations – also that the lectures of the Pres. Etc. should not be entered in the book” (p. 5-6).

Por vezes, Virginia coloca-se como narradora, utilizando a terceira pessoa, *Miss Jan*<sup>7</sup>, geralmente em situações de embaraço, para referir-se a si mesma. Como se com um olhar espectador, reconstituísse e contasse sua própria história.

No desenrolar dos seus registros, diferentes fases e acontecimentos da sua vida são retratados. Conseqüentemente, seu diário sofre com uma infinidade de mudanças estilísticas. Ora seus escritos se comportam como verdadeiros ensaios literários, ora se apresentam como breves registros de situações do cotidiano. De todo modo, em uma leitura bem particular dos seus dias, sustentou seus escritos:

20 de janeiro de 1897

Nessa foi para aula de desenho. O "Oak Davenport" chegou, transportado da casa de Tia Minna por T. e Maurice. Foi colocado no berçário noturno. É uma ótima escrivaninha, com gavetas e armários em todos os lugares. Um pouco alta demais para escrever, mas vai se sair muito bem para guardar artigos, documentos e afins. Datado 1690. Nós três e Stella fomos para Estação Gloucester Rd. para conseguir o ingresso de A[drian]. e então Stella foi ver a prima Mia, e Thoby foi dar um passeio nos jardins, e A. e eu fomos para casa. Tempo congelante, ventoso e horrível. Nessa não fora as aulas de desenho dela à tarde. Fui com S. para o Nat[ional]. Gall[ery]. e depois fomos para Oxford St, onde S. teve que trocar algumas lâminas de barbear. Nós entramos em um ABC como de costume. Quando o papai estava lendo para nós à noite, Enid MacKenzie em seu vestido de noite e o casaco de pele do Sr. M invadiram a sala. O quarto dos criados estavam em chamas - Gerald correu e derramou baldes de água sobre o lugar - Então veio rugindo pela rua um carro de bombeiros - no meio de gritos e gritos. Os homens pularam em um momento e descobriram que o fogo havia sucumbido a baldes de água antes de sua chegada. Depois de deixarem três de seus homens, eles galoparam novamente - Uma multidão os seguiu e outras ficaram escandalizadas, de boca aberta na rua. Então vieram mais quatro bombeiros - os homens juraram não encontrar nada para fazer. Logo eles partiram, os corvos gritaram e os cavalos fugiram - Assim termina o fogo -<sup>8</sup> (Woolf, 1992, p. 17, tradução nossa).

O destaque dado ao "Oak Davenport", bem como ao da figura do pai lendo, pode ser interpretado como uma expressão psíquica que aponta para o seu desejo pelas letras.

<sup>7</sup> Segundo o editor da obra, *A Passionate Apprentice*, o termo Miss Jan faz referência ao mês de nascimento de Virginia, January (janeiro).

<sup>8</sup> No original: "Nessa went to drawing. The "Oak Davenport" arrived, carried down the street by T. and Maurice. Was put in the right nursery. It is a great writing desk, with drawers and cupboards everywhere. Rather too high to write at, but will do very well for papers and odds and ends. Dated 1690. We three and Stella went to Gloucester, Rd. Station to get A.s ticket and then she went on to see Cousin Mia, and Thoby went for a walk in the gardens, and A and I home. Freezing, windy and horrible. Nessa did not go to her drawing in the afternoon. Went with S to the Nat[ional]. Gall[ery]. and afterwards went to Oxford St, where S. had to change some razors. We went into an ABC as usual. When father was reading to us in the evening, Enid MacKenzie in her night gown and Mr M's fur coat came in. Their servants room had caught fire - Gerald rushed over, and poured pails of water over the place - Then came roaring down the street a fire engine - shouting and halloaing. The men jumped off in a moment and found that the fire had succumbed to pails of water before their arrival. Leaving three of their men, they galloped off again - A crowd had followed them, and stood gaping in the street. Then came four more engines - the men swearing at finding nothing to do. Soon they mounted, the crowded yelled and the horses cantered away - so ends the fire" (Woolf, 1992, p. 17).

A escritora de diários íntimos, brincando com os significantes, transveste a palavra-escrita de fantasia, a partir do laço feito entre a “ficção” e a “realidade”.

Nas formulações a respeito da fantasia, no texto *Os caminhos da formação de sintomas*, Freud afirma que a atividade fantasiosa pode ser dotada de realidade material (*wirklichkeit*). No entanto, coloca-se em primeiro plano a realidade psíquica (*realität*), “e pouco a pouco, aprendemos que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é decisiva” (2010, p. 490). Acrescenta ainda:

Na atividade fantasiosa, portanto, o homem segue gozando da liberdade frente a toda pressão exterior, liberdade a que, na realidade, renunciou há muito tempo. Ele consegue ser, alternadamente, um animal de prazer e, de novo, uma criatura sensata. A parca satisfação que logra extrair da realidade não lhe é suficiente. “Sem construções auxiliares não é possível”, disse, certa vez, Theodor Fontane (2010, p. 494).

Nesse contexto, o ato de escrever diários íntimos representa uma forma de tornar possível a existência e obter dela prazer. “Pois, o desfiladeiro da arte é aquele que conduz da fantasia à realidade e se situa no meio do caminho de ambas” (Jorge, 2022, p. 73). É, exatamente, nesse meio, nessa encruzilhada entre a fantasia e a realidade, em uma aposta na palavra, que localizo a escrita íntima de Woolf. E, mesmo quando diante do encontro com o real da morte de sua meia-irmã, Virginia seguiu se amparando na escrita:

Segunda-feira, 19 de julho de 1897

Às 3 horas da manhã Georgie e Nessa vieram a mim, e me disseram que Stella havia morrido - É tudo o que tenho pensado desde então; e é impossível escrever sobre isso<sup>9</sup>.

Quarta- feira, 21 de julho de 1897

Stella foi enterrada perto da nossa mãe, em Highgate.

Nenhum de nós foi -

Thoby e Adrian estão aqui, e vão ficar até irmos a Painswick<sup>10</sup>

Sábado, 24 de julho de 1897

Jack levou Nessa e eu para Highgate para ver o túmulo de Stella. Nós fomos de ônibus e bonde. O túmulo é próximo do da mamãe - perto de quando você entra. Estava coberto de flores mortas - Nós nos sentamos e conversamos por um longo tempo, e depois voltamos para casa e tomamos um chá com Jack em sua varanda.

<sup>9</sup> No original: “At 3 this morning, Georgie & Nessa came to me, & told me that Stella was dead – That is all we have thought of since; & it is impossible to write of” (p. 115).

<sup>10</sup> “Stella was buried by mother’s side in Highgate. None of us went – Thoby & Adrian are both here, & will stay till we go to Painswick” (p. 115).

Madge não veio como poderia ter vindo<sup>11</sup> (Woolf, 1992, p. 114-115, tradução nossa).

Nas palavras de Blanchot, o diário se oferece como uma indústria da salvação: “escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar” (2005, p. 274). Em suma, escreve-se na procura de que algo do inominável se inscreva.

No livro *A mulher escrita*, Lúcia Castello Branco afirma que “a tentativa de dizer o indizível parece ser, de fato, um traço recorrente da escrita feminina. Simbólica, na condição de linguagem verbal, essa escrita resiste, entretanto à mediação linguística, buscando encostar a palavra à coisa e atingir o além do signo” (2004, p. 122).

Essa tentativa de “inscrição”, ou de “encostar a palavra à coisa”, pode ser visualizada no desenvolver dos registros de Virginia, em especial após a perda de Stella. A autora adota uma escrita menos tagarela, em alguns trechos demonstra o sentimento de desinteresse pelas anotações diárias, seus relatos passam a ser mais breves, com descrições da rotina famílias, dos passeios realizados, das visitas recebidas, das suas leituras, entre outros aspectos da vida cotidiana.

Para finalizar, no artigo *El diario ¿forma abierta?* (1996), Beatrice Dider ressalta que o diário íntimo pode abrir-se a qualquer coisa, nas suas letras: “este tipo de escritura não conhece regras, nem verdadeiros limites” (p. 44). Nesse “abrir-se”, Virginia explorou a escrita íntima como recurso para lidar com suas questões subjetivas e também desenvolver sua aptidão na arte de escrever ensaios:

Domingo, 6 de agosto de 1899

[...] Eu sempre imagino que, se eu morasse no campo o tempo inteiro, eu poderia pensar tão prazerosamente como estes escritores do campo. Eu nunca seria capaz de me pegar acreditando na felicidade e simplicidade da vida no campo. Essas especulações pertencem sobremaneira a um cérebro frio e crítico londrino. Estou no presente momento (a emoção está fugindo eu sei, então preciso escrever isso) apaixonada pela vida no campo. Penso que viver um ou dois anos entre tais jardins, campos verdes iria infalivelmente tornar alguém mais doce, mais calmo e mais simples, até a gentileza de um velho cavalheiro como Gilbert White ou de uma velha dama como a SrtaMatty que apenas apareceram para mim dentro das capas dos livros. Eu deveria estar escrevendo páginas sobre o tempo, eu deveria me virar para meus diários dos últimos anos e comparar meus escritos – Eu deveria contar como cultivei certas plantas e registrar a condição da minha árvore de rosas. Talvez eu devesse ter visto uma andorinha voando na busca de outros climas, ou descoberto uma sonolenta marta, provavelmente, se preparando para seu sono de inverno. Eu deveria ter apresentado minhas teorias sobre migração e hibernação. Infelizmente, como Cockney, eu não tenho educação campestre

<sup>11</sup> “Jack took Nessa & me to Highgate to see Stellas grave. We went by bus & tram. The grave is next mother’s – near you as you go in. It was covered with dead flowers – We sat down & talked for a long time, & then came home & had tea with Jack on his balcony. Madge did not come as she might have done” (p. 115).

suficiente para ir além. Devo confessar, sinto um êxtase bruto sobre o céu e o campo; o que talvez possa reter em meus olhos um pouco de sua majestade em minhas palavras desajeitadas<sup>12</sup> (Woolf, 1992, p. 137, tradução nossa).

Desse modo, a aprendiz das letras ocupou-se da posição feminina, deslocando os significantes, na tentativa de dar bordas ao “real”, aquilo que escapa à representação simbólica. Numa espécie de movimento metonímico se apoderou das “palavras desajeitadas”, em um jogo interminável entre o eu e o Outro, o dentro e fora, a escrita e a leitura. Promovendo uma cadeia de significações infinitas, a qual tornou possível o desenvolvimento da sua prática literária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, nas letras de Gilles Deleuze, escrever é um ato de devir, “sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (2011, p. 11). É a propósito desse “lugar inacabado” que psicanálise se detém.

Na perspectiva psicanalítica, ocupar-se da posição feminina é apossar-se do lugar que Jacques Lacan designou como sendo “não-todo”, marca de sua incompletude, no qual o sujeito pode assumir independente do seu gênero. Pois, o que está em questão são as posições de gozo, nesse caso ligado à lógica do gozo feminino ou suplementar, isto é, que não faz complemento, mas aponta para a falta e deixa como rastro o desejo.

Portanto, os diários iniciais de Virginia Woolf demonstram o laço que escritora fez com a palavra, na tentativa de encontrar significantes que tornasse possível sua existência. No texto, *O diário íntimo e a narrativa*, Maurice Blanchot pontua que escrever um diário é colocar-se sobre a proteção dos dias comuns, “e é também proteger-se da escrita, submetendo-a à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar” (2005, p. 270). Para o escritor francês, o que se escreve se enraíza. Nesse sentido, a escritora

---

<sup>12</sup> Versão original: “I often wonder whether, if I lived in the country all the year round, I could think as pleasantly as these country writers write. “I love the country best in books”. I can never bring myself to believe in the felicity & simplicity of a country life. These speculations though belong to a cold brained critic in London. I am, at the present moment (the emotion is fleeting I know, so I must Chronicle it) in love with a country life; I think that a year or two of such gardens & green fiels would infallibly sweeten one & soothe one & simplify one into the kind of Gilbert White old gentleman or Miss Matty old lady that Only grew till now for me inside the covers of books. I shd. Be writing notes upon the weather, & I shd. turn to my diaries of past years to compare their records - I shd. Tell how I ‘bedded out’ certain plants, & record the condition of my rose trees. I shd. perhaps, have seen a swallow on the wing for other climates, or have discovered a sleepy martin presumably preparing for his winter sleep. I shd. prpound my theories as to migration & hibernation. Alas, tho’, as a Cockney I have no sound country education to go upon. I must blurt out crude ecstasies upon sky & field; which may perchance retain for my eyes a little of their majesty in my awkward words” (p. 137).

apropriou-se da palavra-escrita, da literatura, como um ponto de ancoragem à vida, fazendo dela seu ofício e sua aposta à saúde.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRANDÃO, R. S. A vida escrita: os impasses do escrever. *In: Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*, Giovanna Bartucci (organizadora). Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**, tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

FREUD, S. Obras completas, volume 18: **o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, S. Obras completas, volume 2: **estudos sobre histeria em coautoria de Breuer**; tradução Laura Barreto, revisão de tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

GIRARD, A. **Le journal intime**. Paris: Press Universitaires de France, 1986.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, volume 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para modernidade. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, J. **Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MACÊDO, L. Gênero, discurso, sexualidade. *In: O feminino infamiliar: dizer o indizível*, Marcela Antelo e JordanGurgel (organizadores). Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021.

MESQUITA, A. C. C. **O diário de Tavistock**: Virginia Woolf e a busca pela literatura. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo. 2018.

QUINTERO N. C. E. **Os diários de juventude de Liev Tolstói, tradução e questões sobre o gênero de diário.** 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, M. R. **O rumor das cartas: um estudo de recepção de Jorge Amado.** Salvador: Fundação Gregório de Matos; EDUFBA, 2006.

WOOLF, V. **A passionate apprentice: the early journals (1897-1909).** Edited by Mitchell A. Leaska. London: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas;** tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2023.

Título em inglês:

## THE EARLY DIARY OF VIRGINIA WOOLF: MEANINGS OF FEMINISM